

Sete de Setembro

Foi commemorada condignamente a data gloriosa da nossa emancipação politica.

D'entre os numerosos festejos, sobresahiu o esplendido prestito escolar, de uma correcção e belleza inexcitaveis.

Com a devida venia, trasladamos em seguida a noticia dada pelo brilhante órgão da imprensa paraense, *A Provincia do Pará* :

«Não nos poderão, de certo, acoimar de excessivos optimistas, se qualificarmos de imponentissima e impecavel a passeata dos alumnos dos estabelecimentos publicos do Estado, hontem effectuada, para o fim que já se conhece.

O formoso prestito, constituido approximadamente por 3.500 crianças e moças e habilmente dirigido pelo tenente-coronel Aureliano Guedes, fôra assim disposto : instituto Lauro Sodré, com a respectiva banda de musica; Escola Normal e Grupo Normal; instituto Gentil Bittencourt; grupo José Verissimo; grupo de Nazareth; grupo de Santa Luzia; grupo do 2.º districto; grupo do 1.º districto; gymnasio Paes de Carvalho; Escola de Direito; Escola do Commercio e Escola de Pharmacia.

Às 8 horas da manhã estavam os alumnos reunidos na vasta praça Saldanha Marinho, promptos ao desfile, que pouco depois se realisou, com o seguinte trajecto : rua João Diogo, avenida Dezeseis de Novembro, rua Pedro Rayol, praça Independencia e frente do palacete municipal, dirigindo-se alfim para o quadrilatero que fica ao lado anterior d'esse edificio.

Os estabelecimentos de instrucção publica do Estado, cujos alumnos se incorporaram ao grandioso prestito, eram pessoalmente dirigidos pelos seus directores. Cada casa de instrucção fez-se representar com

o ceu estandarte, sendo flagrantemente suggestiva a consideravel quantidade de tremulantes bandeiras da Republica e do Municipio de Belem, empunhadas por tão crescido numero de crianças. O traje d'estas, organizado com esmerado gosto, tornou-se digno de encomios unanimes, pela elegancia leve e graciosa que tanto agradou.

Os alumnos do Grupo Normal, que abria o prestito, trajavam de branco; os da Escola Normal, 1.º anno, amarello; 2.º verde; 3.º róseo; e 4.º azul. As alumnas do instituto Gentil Bittencourt envergaram vestidos brancos com laços azues e chapéus pardos, de palha, com elegantes laços de tufos azues. Seguiam-se-lhes os grupos escolares da capital caprichosamente organizados; cujo traje era, como os demais já mencionados, muito graciosos e apropriados aos grandes dias.

Passando em frente ao palacio do governo, pouco antes das 9 horas, s. exc., o sr. dr. Augusto Montenegro assistiu ao desfilar do lindo prestito de uma das janellas, mostrando-se verdadeiramente encantado pela ordem, disciplina e perfeita organização da irreprehen-sivel passeata.

Pouco depois, o prestito encaminhara-se para a rua João Diogo atraz do palacio municipal, onde foi dissolvido, depois de ser photographado pelo habil artista sr. Bastos».



VIAJANTES AEREOŒ

Com a estrondosa victoria do sr. Santos Dumont, parece estar definitivamente conquistada a superabilidade do ar.

O audacioso mineiro, que tanto tem assombrado o mundo com a tenacidade de seu arrojo, a temeridade de suas tentativas e a perseverança de seu patriotismo, apparece hoje no scenario dos factos hodiernos, em pleno proscenio d'este fulgurante século a trazer para sua patria mais uma inabalavel affirmativa de que ella não é uma taba immensa de indios, um pantano execravel de molestias, uma terra inculta, habitada por negros e por selvagens, como ousam asseverar os nossos desaffectedos.

Alberto dos Santos Dumont, a par de outros intemeratos propagandistas da nossa elevação como povo civilisado, veiu collocar, mais uma vez, a formosa região do seu berço, acima do conceito desvalioso dos que, na Europa, nos acoimam de retardatarios, e, por isso, nullos nas conquistas crescentes do progresso.

O secular problema da dirigibilidade dos balões, que veiu da sombra densa dos tempos idos com um aspecto desanimador de irreallidade, tem encotrado nos filhos do Brasil os mais dedicados e esforçados paladinos.

Desde Bartholomeu de Gusmão, o invicto frade que assombrou a ignorancia lisboêta com as suas experiencias; o corajoso monge que esteve prestes a soffrer o martyrio sangrento do Santo Officio; desde elle, tão invejado e tão calumniado, a areunáutica não tem sido descurada pelos seus patricios.

É como que uma fascinação natural, uma inclinação espontanea, uma especie de força de attracção, que exerce sobre o brasiliano um poder singular, a despertar-lhe a genialidade adormecida pelo entorpe-

cimento do clima ou esquecido pela negligencia vêsga e deploravel dos nossos governos e do nosso povo.

O Pará mostrou, com uma pujança brilhante de factos, que se não conservaria afastado d'essas lides scientificas. Por isso, orgulha-se de ser o torrão nativo de Julio Cezar Ribeiro de Souza, o mallogrado é extraordinario talento, que illuminou com o seu fulgor de astro peregrino todos os recantos de seu paiz.

Foi Julio Cezar, que, atropellado pelo obstaculo da pobreza, ferido moralmente pela inveja de seus contemporaneos e pela desidia do povo que o devia glorificar, foi elle que, entre nós, pela primeira vez, sentiu a nevróse abençoada da conquista dos ares, essa aspiração agóra commum a todos os povos livres.

Mas, apenas germinada no seu cérebro fecundo a idéa da navegação aréa, surgiram, como sempre acontece, os obstaculos fortuitos.

A falar a verdade, mas a verdade fria e serena dos factos, nós somos os primeiros a desdenhar, com um desdém desgraçadamente hereditario, desgraçadamente ignorante e estúpido, as glorias que vemos apparecer no sólo patrio, por isso que, ou julgamo-nos um povo sem valor e sem iniciativa, ou parecêmos a nós mesmos uma nação supinamente atrazada, e, portanto, fóra das raias da civilisação, que é o centro luminoso das grandes conquistas.

Talvez fosse por isto, que a audacia e o genio de Julio Cezar ficaram num desamparo de náufrago.

Pobre e humilde, mas genial e arrojado, firme no estocismo de sua crença, confiante da grandeza do seu valor, o infortunado paraense galgou a muralha do indifferentismo publico e conseguiu apresentar ao seu paiz os resultados fecundos de seus perseverantes esforços.

Chegou a fazer experiencias, com o auxilio exiguo de sua terra natal, mas foram quasi que improficuos esses sacrificios, porque não encontraram echo den-

tro do desânimo e da ineptia do governo de sua Pátria, que tinha a restricta, a gloriosa obrigação de ajudal-o a vencer e a subir, não só ás alturas sidereas como tambem ao ápice da Posteridade. Então, Julio Cezar caiu exausto e vencido, caiu como cáem os herôes num combate sangrento, caíu, como cáem as aguias, depois de dominarem a illimitada magestade do espaço.

Outros areonautas vieram, depois; surgiu José do Patrocinio, appareceu Augusto Severo, todos elles, até agóra, dentro de uma explicavel obscuridade.

Era preciso, porem, que o Brasil não adormecesse, não repoisasse sobre os loiros gloriosos dos triumphos passados.

Por isso, brotou de suas entranhas mais um paladino do transcendental problema. E esse é Alberto dos Santos Dumont, sobre cuja illustre Personalidade cáem as benções da Pátria e a admiração de todos os povos.

ALVES DE SOUZA.



Hymno Escolar

Como os roseos clarões d'uma aurora
 Purpurejam o azul do horizonte,
 Nossas almas o estudo decóra
 E nos enche d'aureolas a fronte.

Côro

Saudemos, companheiros,
 A luz d'esta alvorada
 Propicia, brasileiros,
 A' nossa patria amada!

Sol—que as almas de luz illumina,
 Redimindo-as das trevas captivas,
 —Irradia a sciencia, divina,
 Numa pompa de cores bem vivas!

Côro

Saudemos, etc.

Companheiros da mesma jornada,
 Olhos fitos alem, no porvir,
 Nós marchamos com fé pela estrada,
 Pois a fé nos fará progredir.

Côro

Saudemos, etc.

D'este grupo, qual fonte deriva
 Doce lympa chamada—*Instrucção* :
 Quem de tal beneficio se priva
 Rouba gosos ao seu coração!

Pará—1904. Antonio de Macedo

A musica d'este hymno foi escripta pelo joven e intelligente musicista
 Carlos Tobias.

DISCURSO

Recitado pela professora d. Rosa Costa na festa escolar de 25 de
Setembro

EXM. SNR. DR. SECRETARIO DA INSTRUÇÃO PUBLICA.

Minhas senhoras.

Meus senhores.

Caros meninos.

Apprehensiva e hesitante vou tentar desempenhar o mandato que me foi confiado, de servir de interprete á infancia que se educa neste estabelecimento.

Sem duvida, senhores, taxareis de temeraria a audacia com que me apresento perante tão douta assistencia, fatigando vossa attenção com phrases desalinhavadas, sem arte e sem expressão, como só sabem proferir aquelles a quem fallecem por completo os dons da palavra e o merito intellectual.

Mas, como furtar-me a trazer a estas crianças o meu limitado contingente neste momento em que a alegria trasborda de seus juvenis corações?

A isso me obriga mais do que um dever: a obrigação restricta que temos nós—os que abraçamos a missão de desenvolver a intelligencia e aperfeiçoar a alma d'esses pequeninos seres— de nos devotarmos a elles na sublimidade de um sacerdocio, soffrendo todos os dissabôres, arrostando todos os sacrificios.

Relevae-me, pois, meus amiguinhos, se apesar de toda a minha bôa vontade eu não conseguir dar realce á vossa festa, proferindo, como desejára, uma oração vibrante e entusiastica, da qual resaltassem judiciosos conceitos expressos em phrases altisonantes, entretecidos de imagens brilhantes e grandiosas.

Singella, como a vossa festa, será a minha palavra, e por isso mesmo mais ao alcance de vossas tenras intelligencias.

Meus amiguinhos :

Ao espirito esclarecido d'aquelles em cujas mãos está confiado o destino de nossa terra, o desenvolvimento da instrucção popular apresenta-se como um problema cuja solução é palpitante e inadiavel; obreiros incançaveis, não têm elles poupado esforços para a consecução d'esse fim, já ampliando a esphera do ensino primario, já cuidando com infatigavel solicitude de amenisar a vossa aprendizagem. Com tal intuito foram instituidas as festas escolares, que vos proporcionarão o ensejo de aprimorardes vosso espirito, iniciando vosso cultivo litterario, despertando em vós o sentimento do bello em todas as suas multiplas modalidades.

Ellas visam mais a incentivar vosso amor pelo estudo, a estimular vosso afan em adquirir a instrucção, tão necessaria á vida social como o é para a vida organica o ar que respiramos.

A instrucção, meus amiguinhos, tem sido em todos os tempos a fonte d'onde dimanam as maravilhosas e surprehendedentes manifestações do progresso, das sciencias e das artes. Na sua constante evolução e sob benefico impulso, a sciencia caminha a passos largos, devastando as trevas, propagando a luz que illumina as intelligencias; a arte divinisa-se em rãdiantes scintillações; os inventos e descobertas succedem-se e avolumam-se.

É ella o elemento imprescindivel para o progresso das nações. Aos fulvos clarões d'essa luz divina, a culta Grecia em tempos idos deveu a supremacia que exerceu sobre as demais nações, e a antiga Roma assombrou o mundo pelo brilho que em seu seio attingiram as lettras e as artes.

E se as conquistas que essas duas nações privilegiadas alcançaram pelo prestigio de suas armas, des-

appareceram com o enfraquecimento de suas virtudes moraes e civicas, o esplendor immortal de sua grandeza litteraria perdara ainda hoje enchendo de admiração os nossos contemporaneos.

Vêde, pois, meus amigninhos, o grande ascendente que o saber tem assumido em todos os tempos, e convincei-vos de que a grandeza da patria depende do gráu de instrucção de seus filhos.

Também a nossa Patria, o nosso caro Brasil, pujante pela grandeza de seu territorio, por sua riqueza e bellezas naturaes, está naturalmente talhada para elevar-se á suprema culminancia de uma brilhante civilisação. Ao encanto suggestivo de suas deliciosas paizagens, á magnitude alterosa de suas montanhas, á imponencia magestosa de suas florestas, á grandiosidade de seus caudalosos cursos d'agua e á riqueza immensa que se occulta sob seu sólo, presta, ó meus amigos, o vosso concurso, dedicando-vos ao estudo, buscando sequiosos a escola—fonte de onde jorra o manancial que avigora e esclarece as intelligencias; verdadeiro templo do trabalho, onde o mestre e o menino, em um labutar incessante, vão dia a dia trilhando a senda do estudo: perseverantes e fortalecidos quando a dedicação, o devotamento de um é sustentado pelo atrectuoso respeito, bôa vontade e applicação do outro; desanimados, esmorecidos, se de uma ou outra parte fallecem esses predicados essenciaes a quem ensina e a quem aprende.

E esta communhão de sentimentos, esta reciprocidade de deveres entre o mestre e o discipulo, necessaria em toda a parte onde fôr ministrado o ensino, mais intensa e accentuada deve manifestar-se nos grupos escolares, essa tão bella quão util instituição, cujas vantagens são, debaixo de todos os pontos de vista, reaes e incontestaveis para o ensino primario.

Ahi, onde varios mestres e centenas de alumnos collaboram na nobilitante obra da cultura intellectual, é que sobretudo mais estreita deve ser a solidariedade;

verdadeiros laços fraternaes devem unir fortemente os que ministram o ensino e os que o recebem, e, mestres e discipulos, reunindo seus mutuos esforços, despendendo igual somma de actividade, devem fundir seus corações numa mesma aspiração: — cumprir seu dever de patriotas, cooperando para a grandeza da civilisação patria.

Exm.º snr. dr. Secretario:

Fazendo-me interprete d'estas crianças, eu saúdo o benemerito Governador do Estado, de quem sois in-cançavel auxiliar, pelo vigoroso impulso que tem dado ao ensino; e saúdo-vos pela dedicação e esforços que tendes desenvolvido no exercicio da honrosa missão que vos foi confiada, dirigindo com extremo zelo esse importantissimo ramo do serviço publico.



O somno d'um anjo

Quando ella dorme como dorme a estrella
Nos vapores da timida alvorada,
E a sua doce fronte extasiada
Mais perfeita que o lyrio e tão singella,

Tão serena, tão lucida e tão bella
Como dos anjos a cabeça amada,
Repousa na cambraia perfumada,
—Eu velo absorto o casto somno d'ella.

E rogo a Deus, emquanto a estrella brilha,
Deus que protege a planta e a flôr obscura
E nos indica do futuro a trilha,

Deus, por quem toda a criação se humilha,
Que tenha pena d'essa creatura,
D'esse botão de flôr—que é minha filha!

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR



A FAMÍLIA

(PRELECCÃO ESCOLAR)

Já pensastes alguma vez, meus amigos, na importância e responsabilidade d'esse sacrosanto centro de affectos—chamado familia, onde se aninham as mais fagueiras esperanças da sociedade, onde se entrelaçam as mais santas carícias, onde realçam os mais nobres sentimentos, onde são empregados os mais serios cuidados educativos? Talvez que não, porque estaes ainda na quadra das phantasias, das illusões, dos sonhos infantis. Não tendes ainda o discernimento para apreciar a importancia e avaliar a responsabilidade d'essa aggremação de seres, participantes do mesmo sangue.

Por isso, meus amigos, ficai desde hoje sabendo que a familia não é sómente o pae, a mãe, os irmãos etc.; a familia é essa pequena sociedade em que cada membro tem o dever imperioso e sagrado de respeitar os outros, trabalhando pela felicidade de todos, cooperando emfim pelo bem commum.

«O que constitue realmente a familia, disse um educador, é o amor e o respeito mutuo, a harmonia de sentimento, a religião do dever, os interesses e os sacrificios reciprocos; finalmente a honra de um nome!»!

E sendo, de facto, isto uma verdade, por que menospresar os importantes factores d'essa aggremação, como o fazem muitos seres degenerados, filhos da corrupção?

Effectivamente, meus amigos, os esposos, os paes e os irmãos são os elementos componentes d'esse todo harmonico chamado familia, e dos quaes falar-vos-ei resumidamente.

Não resta a menor duvida de que são os esposos os factores poderosos do lar. Guiados pela mesma norma de conducta, participando da mesma responsabilidade, conduzidos por boa ou má orientação, unidos

por fingidas ou verdadeiras demonstrações de affecto, têm elles o rigoroso dever de amarem-se reciprocamente, preparando os meios de assegurar o futuro da geração que succeder : esta será cheia de felicidades e venturas, se os esposos estiverem compenetrados dos seus deveres, ou terá um fim desairoso e indigno, se não tiverem a fiel e nitida comprehensão de sua importante missão.

Vivendo um para o outro, assumem ambos a dupla responsabilidade de velar pelo credito e firmar a estabilidade da familia que constituiram, para a qual devem convergir todos os seus esforços, todas as suas energias, todas as suas aspirações.

Constituindo no lar o que ha de mais caro e sagrado—a honra ; cumprindo fielmente o que ha de mais bello e racional—o direito ; praticando emfim o que ha de mais importante e louvavel — o amor do trabalho, os esposos não fazem outra cousa, meus amigos, senão satisfazer o que a sociedade exige para complemento da propria felicidade.

Não é demasia, pois, dizer-vos que deve haver sempre todo o cuidado possivel na união d'esses dois seres—marido e mulher,—para que mais tarde, levados por má orientação e escolha, não venha a perigar o futuro da familia, que é, em conclusão, o futuro da sociedade e da patria a que pertencem.

Meus amigos, sendo obrigado a interromper esta prelecção por já nos ter a sineta annunciado a terminação da aula, comprometto-me a ultimal-a no dia em que restar nos alguns momentos de nossa aula. Nada perdei, portanto, esperando por essa occasião. Tenho concluido.



Meus amigos. — Aproveitando os momentos que restam de nossa aula de hoje, venho completar, conforme propuz-me, a minha ultima prelecção, interrompida por falta de tempo.

Como deveis estar lembrados, tratava eu dos esposos. Hoje ides ouvir algumas palavras sobre o papel que mais tarde vão desempenhar.

No correr dos tempos passam os esposos á bella e sacrosanta phase de paes de familia. Cousa de nõada, dizem uns, esquecidos quiçá da mais simples intuiçãõ de seus deveres ; phase melindrosa e difficil, bradam outros, convictos da tarefa que pesa sobre seus hombros. Os primeiros, meus amigos, porque não sabem avaliar a magnitude do titulo de pae, deixam-se embaír pelos meigos sorrisos da vida e não encaram com seriedade o futuro da prole ; os segundos, porem, tendo as vistas mais lagas e avaliando o alcance da sua responsabilidade, começam a encarar a vida por um prisma differente e pretendem retroceder, intibiando-se.

Considerai, entretanto, meus amigos, que o dever não é isso : o deveré caminhar, luctando diariamente, quebrando aqui espinhos, rompendo allí estõrvos, vencendo acolá mil óbices. Assim é que se consegue percorrer a estrada do dever para chegar ao apogeu da gloria.

Recuar diante das difficuldades ; mostrar fraqueza quando é preciso superar estõrvos ; deixar de seguir, resolutõ, quando o dever chama a póstos e a honra da familia reclama a maior abnegaçãõ possivel, só é proprio de quem não sabe presar o character, a dignidade e a honra ! Começar e acabar, portanto, a obra da educaçãõ, eis o problema, eis o ideal d'aquelles que acima de tudo collocam o futuro da Patria.

Tratarei agora dos filhos.

Os filhos são as bellas vergonteadas da familia. Descendentes de seres ligados pelo mesmo sentimento, terão elles um futuro coberto de bençãos, de felicidades e venturas se tiverem por pedestal a mais solida educaçãõ e a indispensavel instrucçãõ, afim de poderem se guiar na senda da vida.

É na velhice, meus amigos, que os paes esperam

a gratidão dos filhos. E quereis saber por que? Eu vol-o digo. Quantas vezes os filhos não são victimas de imprudencias? E não são porventura os paes que lhes propocionam todos os cuidados? Não são elles que os guiam nos primeiros passos da vida; que lhes dão a comida, o vestuario, o calçado, a casa, a luz, e afinal os acompanham nas alegrias, nas tristezas, nos risos, nas dôres, nas felicidades e nas desgraças? Certamente que sim, me direis vós.

Logo, á vista de tamanha abnegação, é preciso todo o reconhecimento, de um filho para com elles: e esse reconhecimento, meus amigos, melhor se manifesta na gratidão, no amor e no respeito. Quanto maiores forem estes sentimentos, tanto maiores também serão a estima e o carinho d'estes para com aquelles, tanto mais frequentes serão as bençãos que sobre suas cabeças cahirão.

Foi por isso que assim expressou-se um educador:

« Um bom filho não se impõe unicamente o dever de amparar seus paes na velhice ou soccorrel-os em caso de miseria; sua gratidão não se contenta com satisfazer essa obrigação rigorosa a que nenhum filho póde esquivar-se; sua gratidão vae mais longe, e excita-o a fazer por elles todos os sacrificios possíveis, a exeder mesmo os beneficios que lhe forem prodigalizados.»

Pretendia terminar já, meus amigos, mas resta-me falar-vos dos irmãos. Ouvi-me, que serei breve.

Os irmãos são companheiros inseparaveis nos primeiros momentos da vida, como também nas vicissitudes, no meio das alegrias paternas e dos affectos maternos.

É tão doce vel-os confundidos num beijo de mãe como é bello vel-os reunidos num sorriso de pae! Nessas occasiões expande-se a alma humana com vehemencia, e a vida parece então deslizar tão prazenteira, debaixo de um céu todo primores.

Um irmão é um amigo dado pela natureza, disse um pensador, e este amigo deve merecer a maxima consideração, porque vem desde o berço e só desaparece com a morte, si bem que a sua lembrança permaneça sempre.

Os irmãos devem amar-se mutuamente ; devem ser, por meio da hermonia em que devem viver, os encantos de seus paes; devem ser emfim os mimosos collibris d'esses dous ninhos meigos, captivantes, graciosamente feitos no coração amantissimo de uma mãe dilecta, no coração respeitavel de um pae carinhoso !

Tenho concluido.

AUGUSTO PINHEIRO.

Professor titulado pela antiga Escola Normal.

INTIMA

—Papai, por que não pede á vóvósinha,
Aquella vóvósinha que morreu,
Que me mande de lá uma bolinha
Das que á noite vagueiam pelo céu ?

—Não, minha filha; aquellas bolas de ouro,
A contrastarem com as nuvens pretas,
São os olhares das vóvós em choro
Que o somno velam das queridas netas.

EDUARDO DE ARAUJO.

CONCORDANCIA DO VERBO SER

I

O verbo *ser* concorda com o attributo quando este é um substantivo, sendo sujeito da oração um dos pronomes—*tudo; isto, isso, aquillo, o; tudo isto, nada d'isto; o mais;*—algun relativo referido a esses proaomes; ou ainda um substantivo do singular. Exemplos:

1.º—«*Eram tudo memorias de alegria.*» (Camões.)

2.º—«*As azas do favor, os impulsos do poder e os cuidados da diligencia, tudo para elle são despresos e riso.*» (Padre Antonio Vieira.)

3.º—«*De sorte que nas mesmas entranhas maternas, onde houve dous que competiram sobre o primeiro logar, tudo foram inquietações e batalhas; e onde houve só um que quiz antes o ultimo que o primeiro, tudo foi paz e quietação.*» (Idem.)

4.º—«*Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira; se tudo são ramos, não é sermão, são maravilhas; se tudo são folhas, não é sermão, são versas; se tudo são varas, não é sermão, é feixe; se tudo são flores, não é sermão, é ramallete. Serem tudo fructos, não póde ser, porque não ha fructos sem arvore.*» (Idem.)

6.º—«*Ponto, coros, e os mesmos comparsas, tudo eram parentes ou amigos intimos.*» (Garrett.)

7.º—«*Quem não yê que são isto preceitos gentiliços?*» (Fr. Luiz de Souza.)

8.º—«*Aquillo não são modos. Aquillo não são desculpas que sirvam.*» (A. E. da Costa e Cunha.)

9.º—«*Upa! Isto são horas de estar no quente?*» (Rebello da Silva.)

10.º—«*Olha para alli, bruto! aquillo são remedios! Repara neste pescoço, alarve! isto são unturas!*» (Idem.)

11.º—«*O que certamente não verieis eram as lagrimas que humedeciam a carta.*» (Camillo Castello Branco.)

12.—«*Que differentes cousas são ordinariamente o que dizeis de vós, e o que sois ! E o peor é que muitas vezes não são cousas differentes, porque o que sois, é nenhuma cousa; e o que dizeis, são infinitas cousas.*» (Padre Antonio Vieira.)

13.—«*Nada d'isto são cousas dignas de apreço.*»

14.—Uma geração, em phrase da Escriptura, quer dizer uma idade, ou um seculo; porque *o mais que chega a durar a vida humana, são cem annos.*» (Padre Antonio Vieira.)

15.—«*Casta e severa como as de Eschylo, apaixonada como as de Euripedes, energica e natural como as de Sophocles; tem, de mais do que ess' outras, aquella unção e delicada sensibilidade que o espirito do Christianismo derrama por toda ella, molhando de lagrimas constrictas o que seriam desesperadas ancias num pagão, etc.*» (Garrett.)

16.—«*Se o homem timido não tem coração, o teimoso não tem cabeça; porque não conhece que sendo o errar um só defeito, o sustentar o erro são dous.*» (Fernão Mendes Pinto.)

17.—«*No juizo dos homens, o maior inimigo, que temos, são as nossas boas obras.*» (Padre Antonio Vieira.)

18.—«*Finalmente a terra boa são os homens bons, ou os homens de bom coração.*» (Idem.)

19.—«*Se o genero da pena são pedras, apedrejem-n-a.*» (Idem.)

20.—«*Aqui a molestia são os remedios.*» (Rebello da Silva.)

21.—«*A sua molestia foram diabruras jesuiticas.*» (Idem.)

22.—«*O abbade tambem se calava, porque o seu capital eram as palavras, e poupava-as como perolas.*» (Idem.)

23.—«*No amor do proximo, o termo de comparação somos nós mesmos.*» (Idem.)

24.—«*E o lucro?.....foram lagrimas perdidas...*» (Gonçalves Dias.)

EXCEPÇÃO Á REGRA

25.—«*A primeira phrase, que lhe sahiu do coração, foi eloquente e sagrada: era lagrimas.*» (Camillo Castello Branco.)

26.—«*Era encantos voz tão doce...*». (Gonçalves Dias.)

27.—«.....Pois *a vida* Seja instantes de prazer (Idem.)

II

Sendo o sujeito um nome ou pronome do singular representando pessoa, e o attributo um nome do plural, o verbo concorda ordinariamente com o sujeito. O mesmo se dá quando o sujeito é um nome ou pronome do plural representando pessoa, e o attributo um nome do singular. Exemplos:

PRIMEIRO CASO

28.—«.....O são já é enfermo, e *o homem já é cinzas*». (Padre Manoel Bernandes.)

29.—«*Cada-um é as suas acções*, e não é outra cousa». (Padre Antonio Vieira.)

30.—«*Eulalia era as alegrias e desvelos* de João Verissimo.» (Camillo Castello Branco.)

SEGUNDO CASO

31.—«*Nós somos a directoria da sociedade*». (Julio Ribeiro.)

III

Sendo o sujeito um nome no plural representando cousa, e o attributo um nome do singular, o verbo concorda umas vezes com o sujeito, outras com o attributo. A primeira concordancia acha-se hoje mais em uso.

Exemplos :

PRIMEIRO CASO

32.—«São os escriptos um verdadeiro retrato de seus auctores.» (Fr. Luiz de Souza.)

33.—«O Baptista definiu se pelas acções; porque as acções de cada um são a sua essencia.» (Padre Antonio Vieira.)

34.—«Não são as trevas a capa dos latrocinios, terceira dos adulterios, etc. ?» (Idem.)

35.—«Sei que não ama Cecilia; mas os seus loucos intentos foram talvez a causa» (Rebello da Silva.)

36.—«Digo, ainda mais, porque *exequias*, por exemplo, são *funeral* tambem, e nada tem com o enterro, sahimento, etc.» (Garrett.)

37.—«As vigias e almenaras eram apenas uma velha formula militar. cuja significação a serie não interrompida dos triumphos até então alcançados tornára inintelligivel.» (Alexandre Herculano.)

SEGUNDO CASO

38.—«A mim me parece, tornou Leonardo, que os *titulos é cousa* conveniente e necessaria.» (Rodrigues Lobo.)—Seria melhor: Os *titules* são *cousa* conveniente e necessaria.

39.—«As *redeas* por que se governam, *era o impeto* do espirito.» (Padre Antonio Vieira.)

40.—«As *joias*, meu tio, *é tudo* isto.» (Camillo Castello Branco.)

IV

Sendo o verbo empregado impessoalmente, fica no singular, embora seja o attributo do plural; apezaf do que estatue Epiphanio Dias em sua grammatica, caso esse que constitue uma excepção á regra.

Exemplo :

41.—«Se amaram, ainda que *seja as trevas*, as trevas hão de ser melhores que a luz.» (Padre Antonio Vieira.)

EXCEPÇÃO

42.—«Eram seis horas; são quatro horas; são dezoito do mez.»

Sobre esta exepção consulte-se a grammatica de Epiphanio. pag. 85; de Grivet 397; de João Ribeiro, 3.º anno, 3.ª edição, 264, nota.

V. ALVES.



CARIDADE

Mãe dos afflictos ! Mãe dos pequeninos
Que o frio assalta e que não tem o pão!
Abre, ó mãe, os teus seios diamantinos,
Que o pranto enxugue a tua doce mão!
Onde moras ? Quem és ? Qual o teu nome ?
Oh ! Ninguém sabe o nome sacrosanto
De quem dá de comer ao que tem fome,
E a quem tem frio —abrigo no seu manto ?
Nem um feixe de luz, nem uma réstea
Sobre o teu nome, ó doce mãe, fluctua ! . . .
Fica, fica no véo d'essa modestia,
Que é todo o sol da realza tua.
Onde moras ? Vão lá saber a onde ?
Sei apenas que ahí, na tua estrada,
Sobre cada infortunio que se esconde
Poisa de leve a tua mão dourada,
E quem és tu ? Visão talvez celeste,
Anjo e mulher em batalhar profundo,
Que um divino esplendor de auroras veste
Quando enxugas as lagrimas do mundo !
Mãe, que enxugas o pranto num sorriso !
Abre em torrente os seios diamantinos !
Mãe, que vives no azul do paraizo,
Mãe dos afflictos, mãe dos pequeninos !